

**co(r)respondências:
afinidades construtivas/
pintura como superfície**

curadoria por luis pérez-oramas

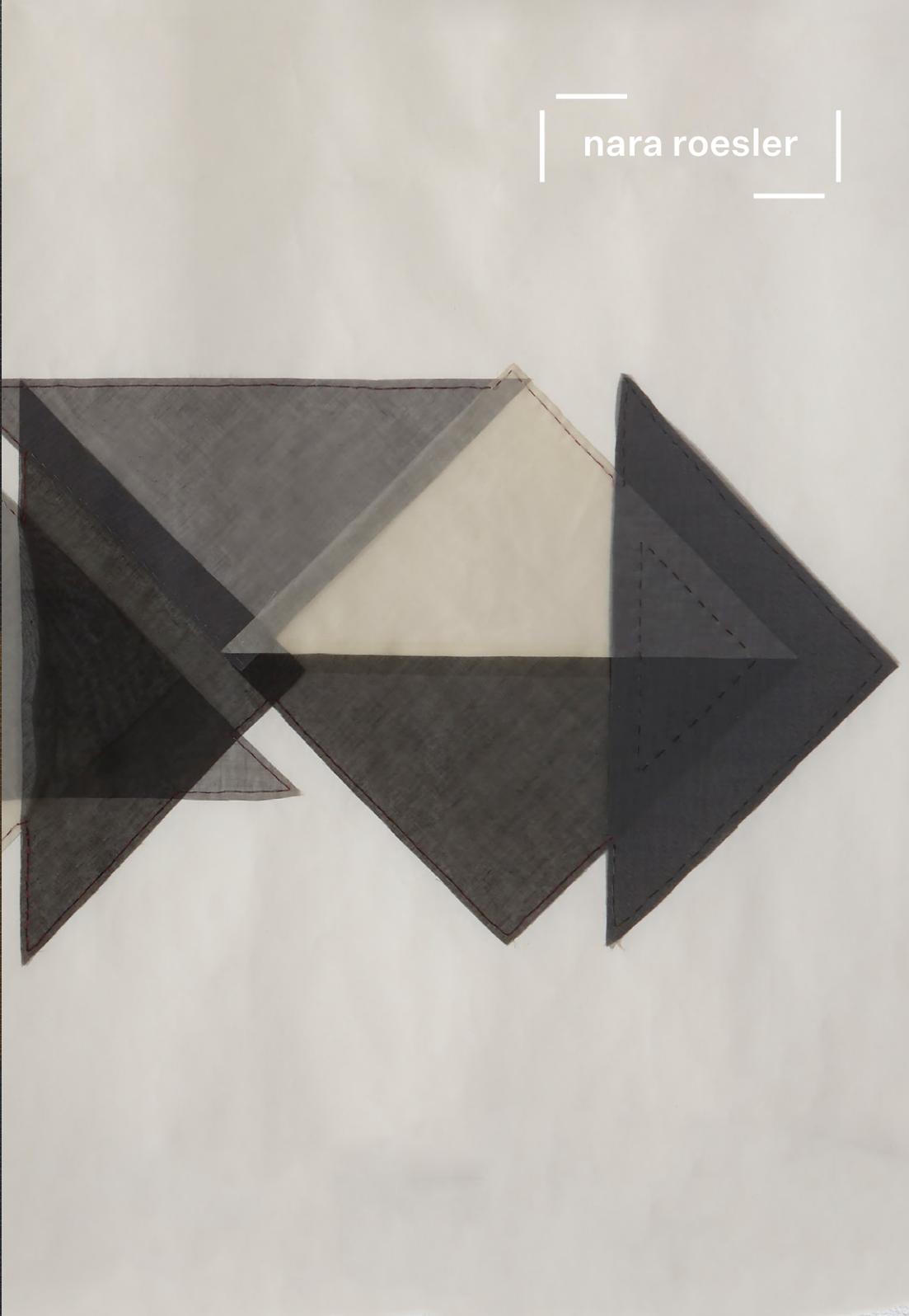
nara roesler nova york

abertura 13 de junho, 2024

exposição 13 de junho – 17 de agosto

lydia okumura / lucia koch / elaine reichek
tomie ohtake / bruno munari / abraham palatnik
carlos bunga / eugenio dittborn / antonio dias
chris martin / bruno dunley

nara roesler



co(r)respondências: afinidades construtivas/ pintura como superfície

luis pérez-oramas

Co(r)respondências: Afinidades construtivas/Pintura como superfície é a segunda iteração de uma ideia curatorial que impulsiona mostras coletivas organizadas por afinidades estruturais e não por vínculos históricos da arte. Nesta ocasião, obras de artistas representados pela Nara Roesler são instaladas em diálogo com obras de importantes artistas internacionais, seguindo dois aspectos complementares: a primazia das composições construtivas e a pintura como uma compreensão singular da superfície.

A pintura moderna poderia ter visto a luz após a famosa afirmação de Maurice Denis, no final do século XIX: “Lembrem-se que antes de ser uma representação de um cavalo de guerra, de uma mulher nua ou ainda de uma anedota, um quadro é por essência uma superfície plana ocupada por cores arrumadas numa certa ordem”. E, no entanto, por mais que historiadores da arte, artistas e críticos tenham tentado resumir a arte (moderna) em uma única categoria, ela não parou de assumir infinitas aparências multiformes.

Quando se considera a relação entre construção e superfície, é possível desenhar um vasto campo de potencialidades para a arte. Duas polaridades radicais, duas categorias diferentes servem para manifestar um campo de ação e agência constantes: de um lado, a tridimensionalidade construtiva, de outro, superfícies planas, quase vazias. Em seus intervalos inesgotáveis, formal e historicamente, as possibilidades são incontáveis, infinitas, entre esses continentes. A construção é o volume, o vazio, a articulação, a inserção, o corte; a superfície é o subjetivo, o suporte, o fundo e o solo. E, no entanto, construção e superfície podem se transformar uma na outra, já que a pintura é uma construção na superfície, enquanto a construção poderia ser um caminho além da pintura, uma des/construção de superfícies.

Portanto, a exposição é exibida dialeticamente, mas tem como objetivo enfatizar que a arte é um campo único e contínuo de diferenças, onde afinidades potenciais surgem inesperadamente, além de contextos e cronologias. A relevância e o significado das obras de arte não se baseiam em sua singularidade, mas se manifestam apenas na medida em que o intervalo relacional entre suas diferenças é descoberto, exibido e interpretado. É em sua instância comparativa que a arte faz sentido e por meio da qual as obras de arte nunca deixam de alcançar seu significado, além do programa intencional do qual procedem, além da decisão individual única que as produziu.

Co(r)respondências: Afinidades construtivas/Pintura como superfície propõe um conjunto de agrupamentos entre vários artistas, seguindo uma lógica analógica diversa: montagem construtiva investindo seu local (Bruno Munari, Elaine Reichek, Lucia Koch, Lydia Okumura); composição serial e contínua de formas elementares (Bruno Munari, Tomie Ohtake, Abraham Palatnik); superfícies dobráveis como agências de deslocamento espacial e tempo decorrido (Eugenio Dittborn, Carlos Bunga); repetição total entre ordem e caos (Antonio Dias, Chris Martin, Bruno Dunley); superfícies gestuais (Karin Lamprecht, Cristina Canale, Mira Schendel).

Co(r)respondências tem seu impulso curatorial na antropologia, e não na história da arte: ela entende a arte como uma política de multiplicidades, contra o fantasma da unificação e da síntese, contra o Um dominante no qual tudo se subsume. Por meio da colisão de contextos, o objetivo é sugerir que a arte pode ser universal somente se sua universalidade for a agência incessante de sua variação.

Lydia Okumura
Open Pyramid, 1987
tinta acrílica sobre parede e metal
edição de 2 + 1 PA
265 x 240 cm

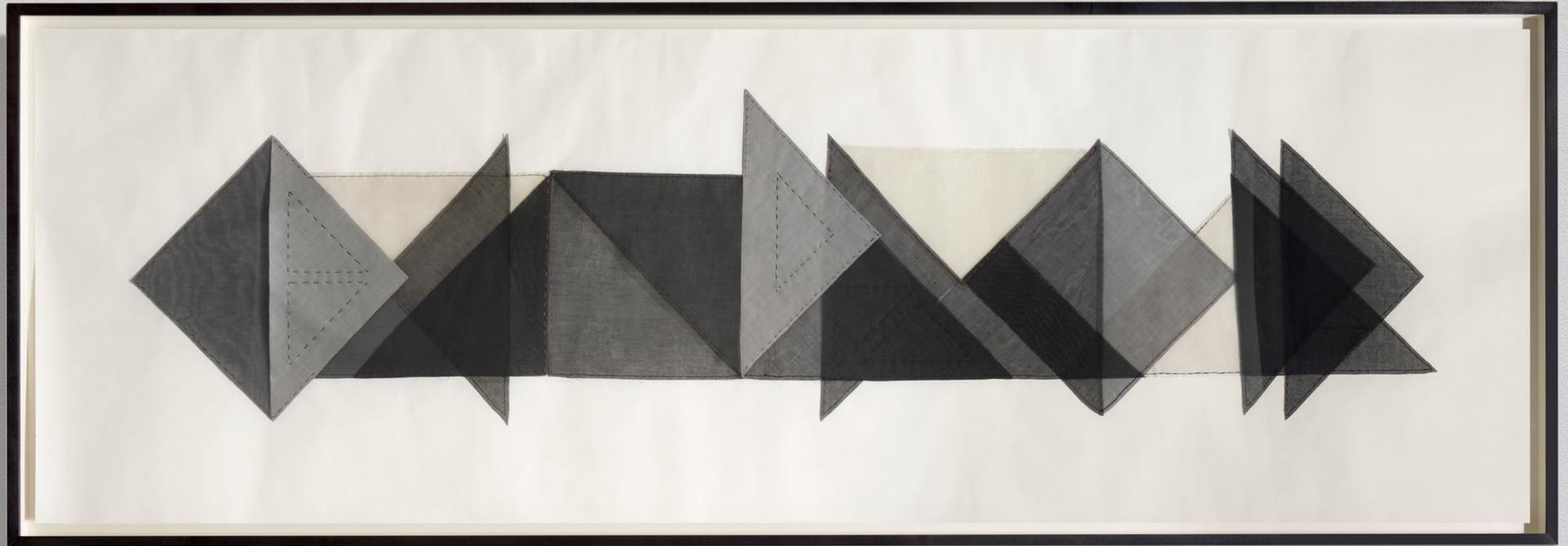


Lucia Koch
Naná, 2024
acrílico, estrutura dobrável
e maleta em alumínio
unique
145 x 38 x 28 cm | mala: 33 x 46 x 14 cm

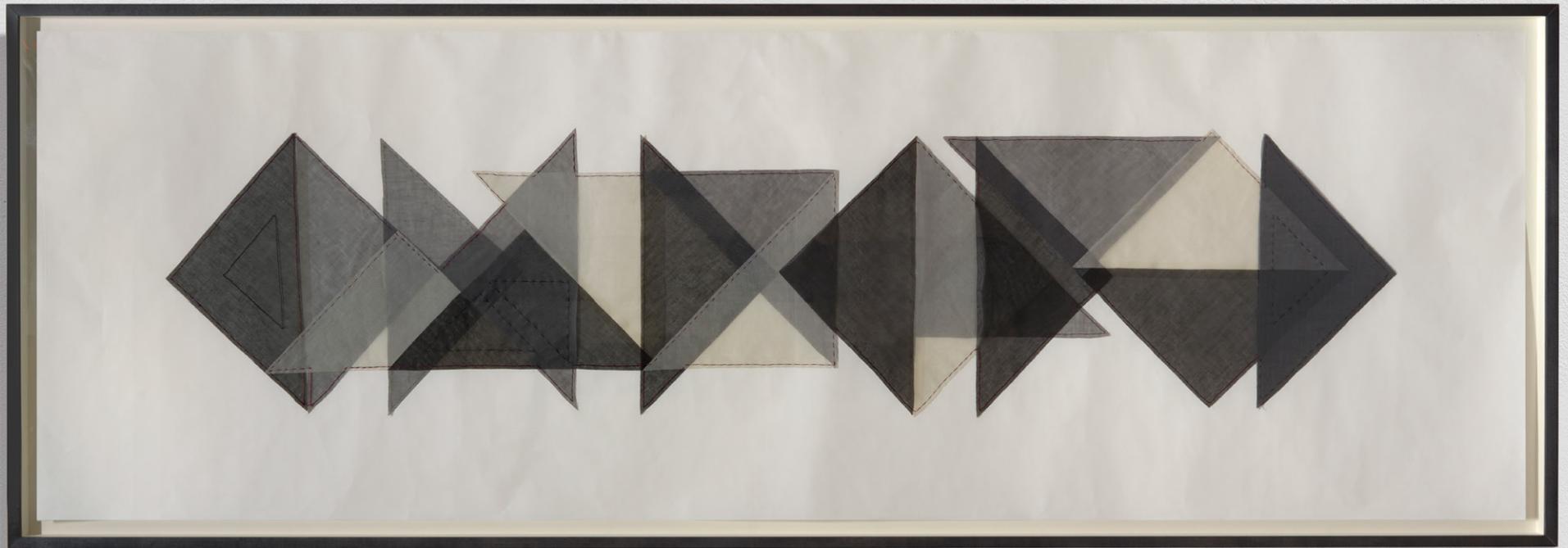




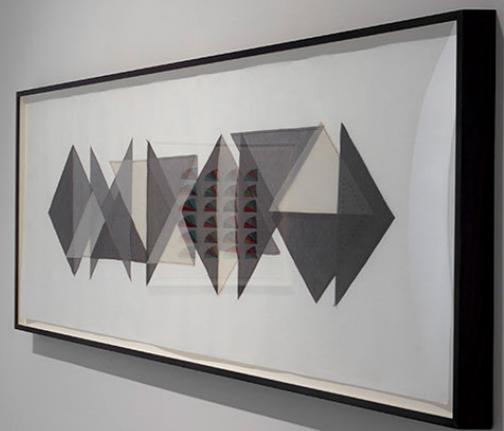
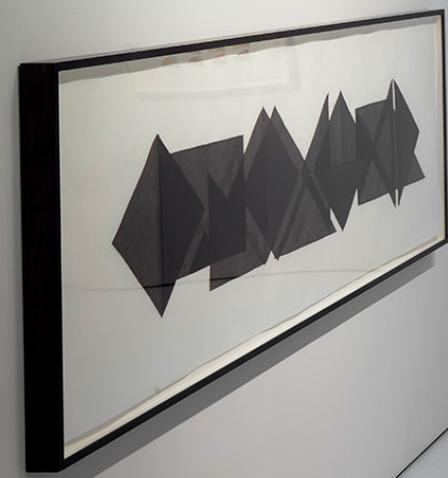
Elaine Reichek
Triangles #1, 1977
organdi costurado em papel
de amoreira tailandês
63,5 x 195,6 cm



Elaine Reichek
Triangles #1, 1977
organdi costurado em
papel de amoreira tailandês
63,5 x 195,6 cm



vista da exposição *Between
The Needle And The Book*, 2020.
McClain Gallery, Houston, EUA





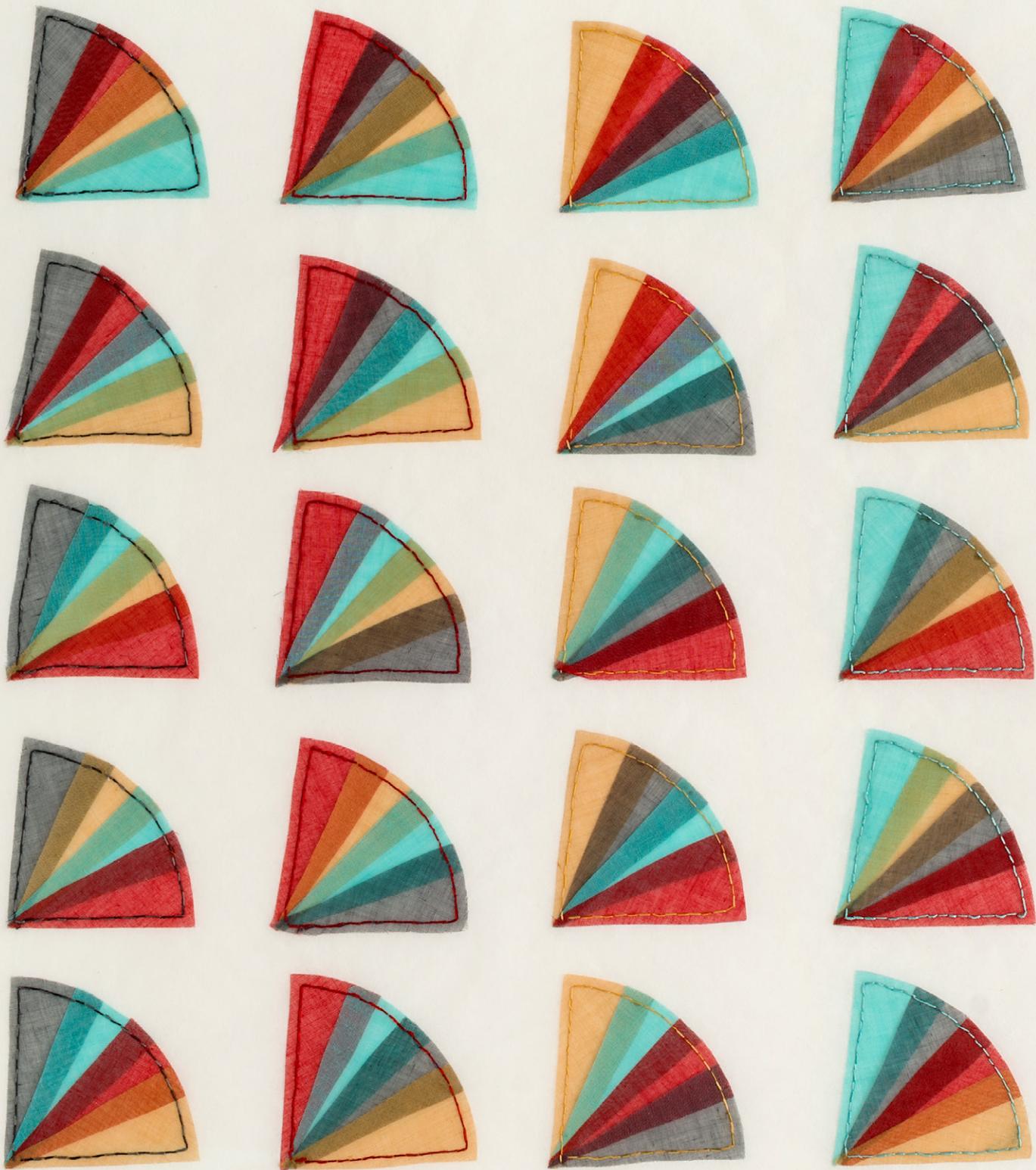
Elaine Reichek
Fan factorial # 1, 1977
organdi costurado em papel Kozoshi
78,7 x 67,3 cm



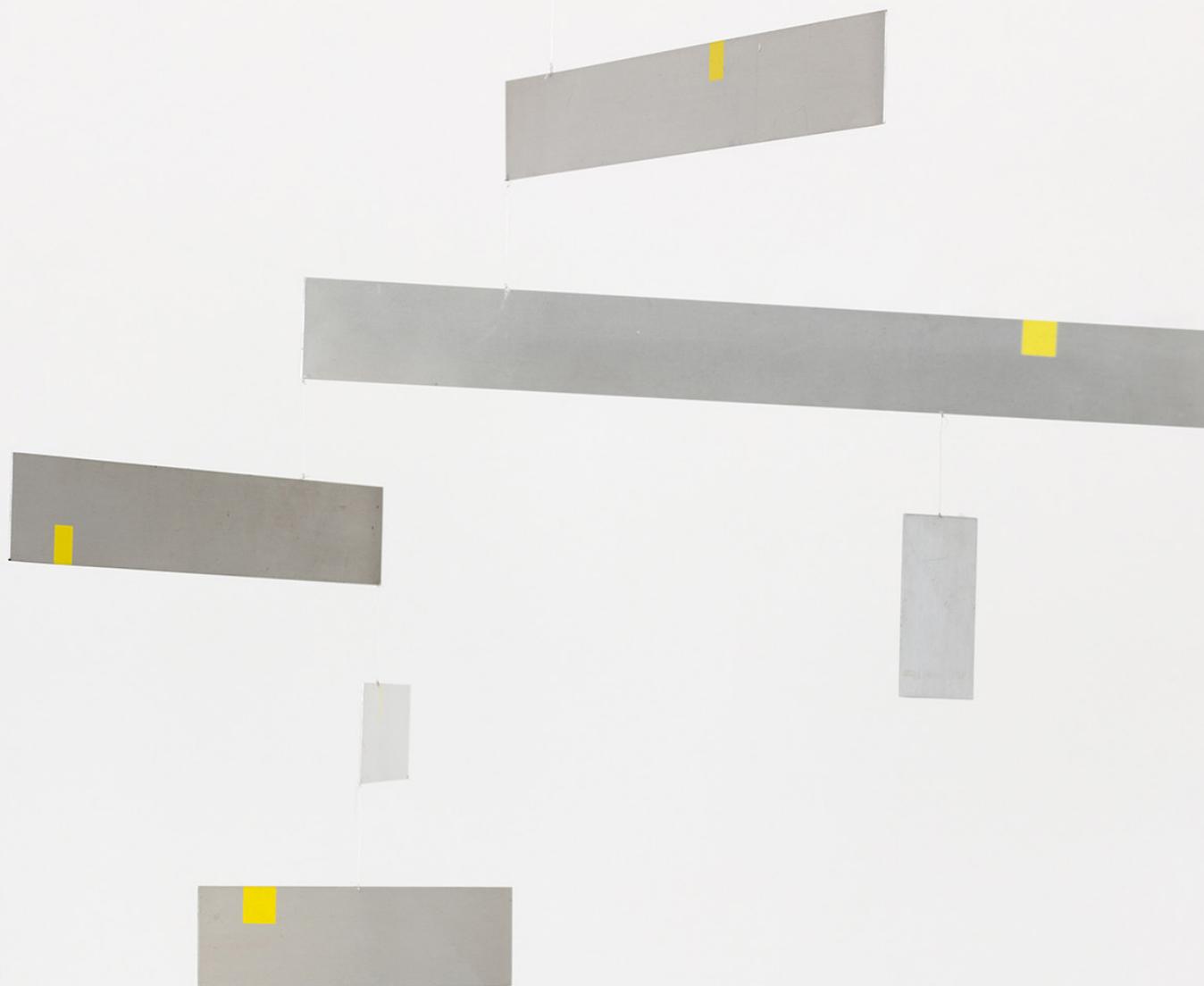
Elaine Reichek
Fan factorial # 2, 1977
organdi costurado em papel Kozoshi
78,7 x 67,3 cm



Elaine Reichek
Fan factorial # 5 1977
organdi costurado em papel Kozoshi
78,7 x 67,3 cm



—
Bruno Munari
Macchina Inutile, 1956-70
metal, fios de nylon
e fita adesiva colorida
edição de 350
80 x 45 cm

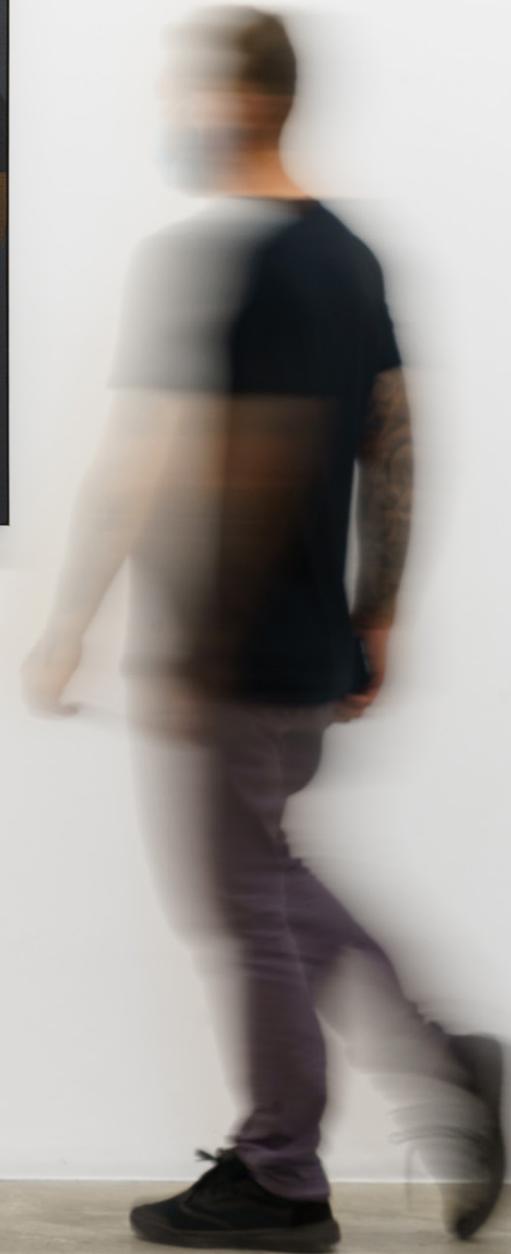


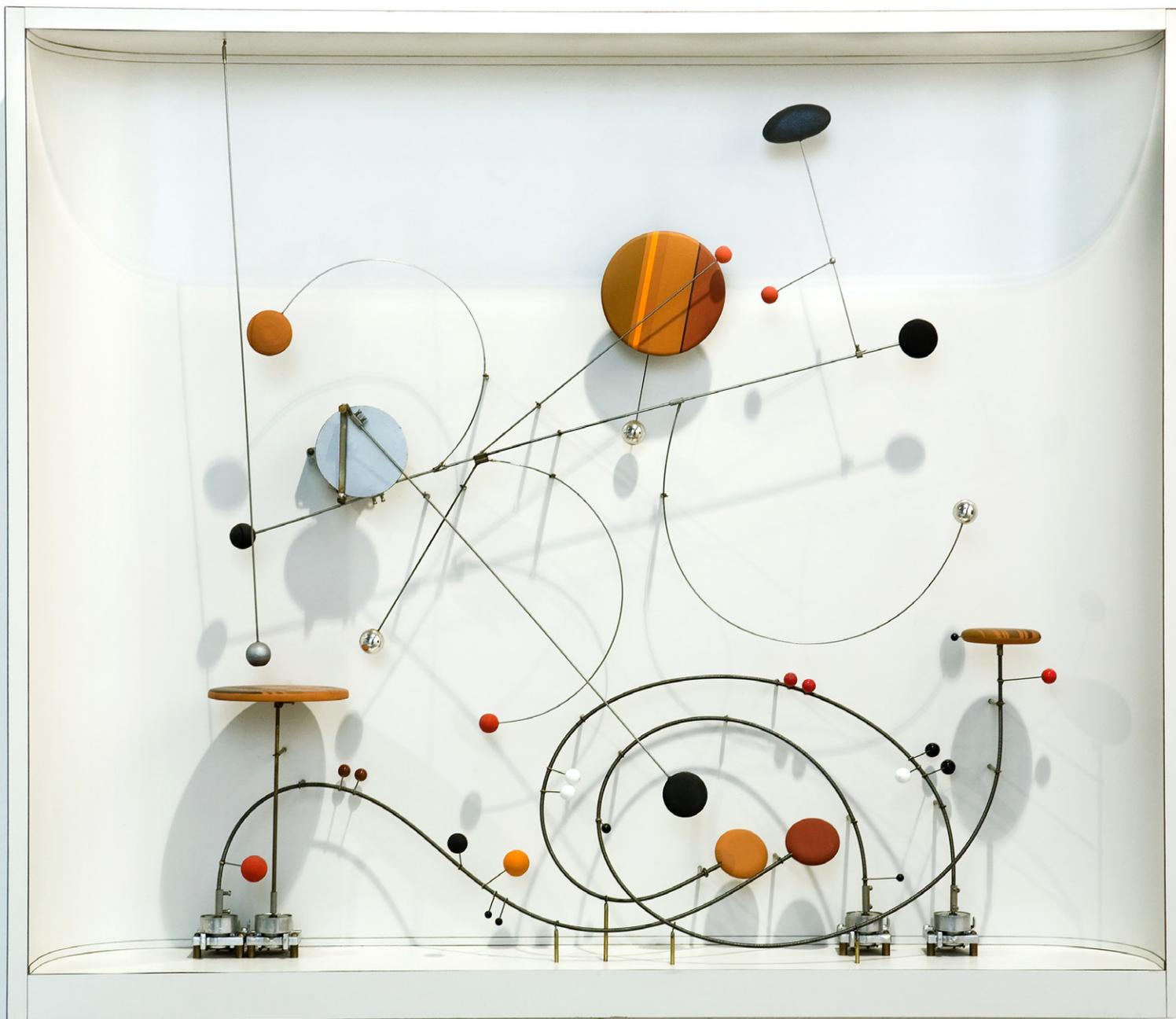


Bruno Munari
Curva di Peano, 1987
tinta óleo sobre tela
100 x 100 cm



Tomie Ohtake
Sem título, 1984
tinta óleo sobre tela
100,3 x 130,1 cm





Abraham Palatnik
Objeto Cinético C-15,
1969/2001
motor, tinta, fórmica,
madeira, metal e imãs
únique
77 x 90,5 x 15 cm

Karin Lambrecht
Vazios, 2008
pigmentos em medium
acrílico sobre tela
136 x 260 cm





Mira Schendel
Untitled, anos 1960
nanquim sobre papel
43 x 60,8 cm



Cristina Canale
Ladrilho, 2013
técnica mista sobre tela
40 x 40 cm



Carlos Bunga
Landscape # 2, 2017
látex e cola em
papelão e madeira
200 x 300 x 10 cm

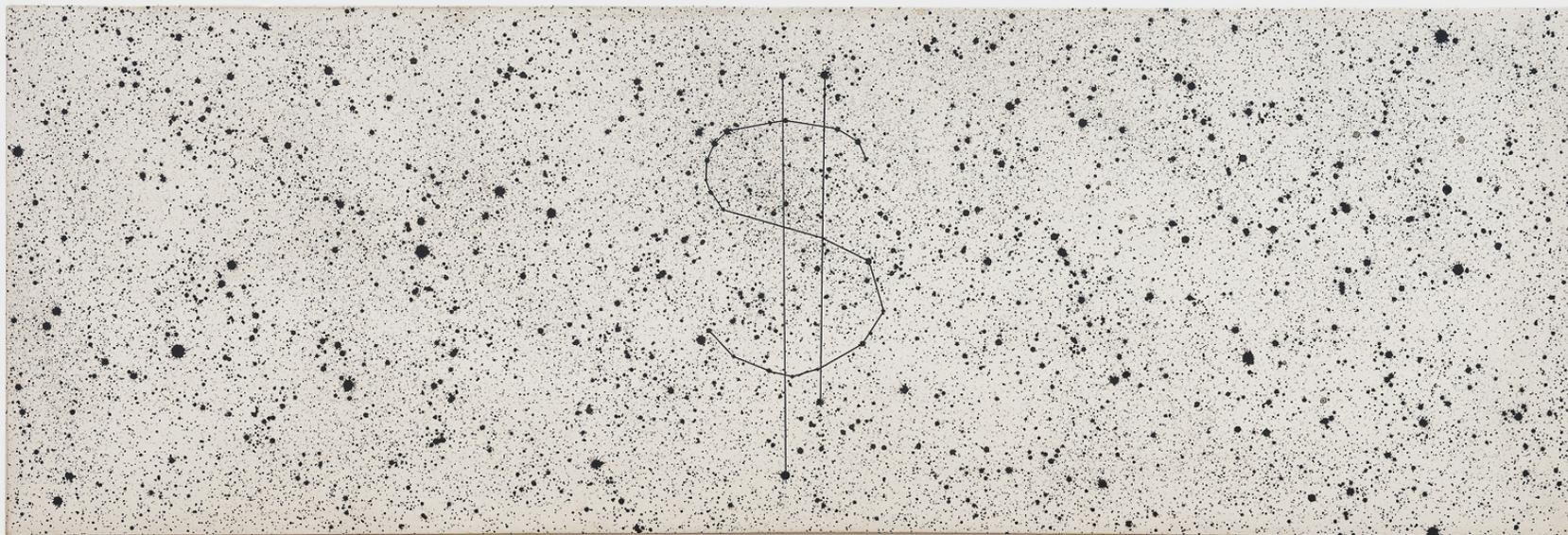




Carlos Bunga
Construcción pictórica # 24 w, 2017
látex e cola em papelão e madeira
200 x 150 x 10 cm

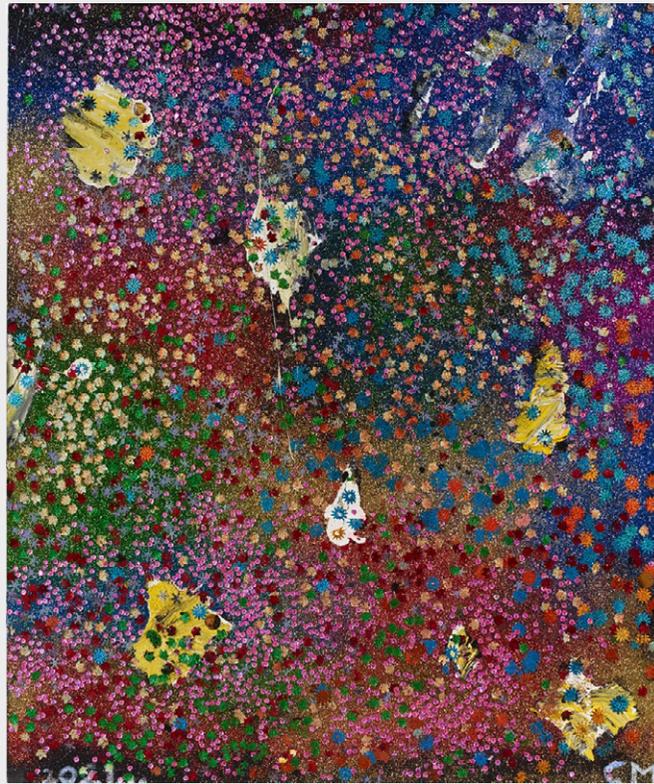


Antonio Dias
The Illustration of Art, circa 1971
tinta acrílica sobre tela
50 x 150 cm





Chris Martin
Sem título, 2021
tinta acrílica, purpurina,
colagem e lantejoulas sobre tela
147,3 x 121,9 cm





Bruno Dunley
All night, 2024
tinta óleo, óleo gel medium
e pasta de alumínio sobre tela
180 x 120 x 3,5 cm





lydia okumura

n. Osvaldo Cruz, Brasil, 1948

vive e trabalha em Nova York, EUA

Lydia Okumura iniciou sua carreira artística na década de 1970. Tendo inicialmente se interessado pela cerâmica, cursou artes plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) entre 1970 e 1973, momento em que tomou contato não apenas com o legado deixado pela abstração geométrica brasileira, como também com movimentos artísticos internacionais que lhe eram contemporâneos, como a Arte Conceitual, cada vez mais forte no Brasil, e o Minimalismo. Dessas investigações, surgem trabalhos em diferentes suportes, como desenho, serigrafia, litografia e xilogravura, se destacando em especial as obras instalativas site-specific, que constituem parte bastante expressiva de sua poética. Ao lado de Genilson Soares e Francisco Inarra, entre 1970 e 1974, integrou o grupo Equipe3, através do qual realizou trabalhos e ações, além de ter participado da 12ª Bienal Internacional de São Paulo (1973).

Com uma pesquisa visual baseada em elementos abstratos essenciais: planos, linhas e cores, a artista estuda as relações estabelecidas entre eles, mas levando em conta um componente extra e crucial em seu trabalho: o espaço expositivo. Utilizando materiais como cordas, chapas de ferro, lápis e carvão, cria obras que transitam entre o bidimensional e o tridimensional, projetando-se da parede para o espaço de exposição.

exposições individuais selecionadas

- *Lydia Okumura*, Hall Art Foundation, Hildesheim, Alemanha (2022)
- *Lydia Okumura*, Galeria Jaqueline Martins, São Paulo, Brasil (2021)
- *Volume 84*, Galerie Thaddaeus Ropac, Londres, Reino Unido (2019)
- *Situations*, Scottsdale Museum of Contemporary Art, Scottsdale, EUA (2018)
- *Five Sides and Other Dimensions*, Broadway 1602, Nova York, EUA (2017)
- *Situations*, UB Art Galleries, Buffalo, EUA (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *This Must be the Place*, Americas Society, Nova York, EUA (2021)
- *Dimensions of Reality: Female Minimal*, Galerie Thaddaeus Ropac, Paris, França (2020)
- *The Women Geometers*, Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2019)
- *Light, Line, Color and Space*, UB Art Galleries, University of Buffalo, EUA (2018)

coleções selecionadas

- Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA
- Museum of Modern Art, Nova York, EUA
- The University of New York, UB Anderson Gallery, Buffalo, EUA
- Akron Museum of Art, Ohio, EUA
- Museo Reina Sofia, Madrid, Espanha
- The Hall Art Foundation, Derneburg, Alemanha
- The Hara Museum of Contemporary Art, Tokyo, Japão
- Guggenheim Museum, Dubai, Emirados Árabes Unidos

Lucia Koch

n. 1966, Porto Alegre, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

O trabalho de Lucia Koch investiga questões relativas ao espaço e propõe novas formas de experienciá-lo. A artista estabelece um intenso diálogo com a arquitetura – tanto pelo modo como suas obras interferem nos lugares onde são instaladas quanto pela criação de espaços imaginários, o que desafia e reorienta a percepção do espectador.

Nas palavras do crítico e curador Moacir dos Anjos, a artista “reorganiza a compreensão visual de espaços [...] e estabelece um sentido público para o trabalho, seja pela negociação envolvida em seu processo, seja pelo desconcertante efeito que causa”. A partir de filtros, tecidos e outros anteparos, ela opera com a luz e seus efeitos cromáticos, sempre tensionando as relações entre o dentro e o fora, a transparência e a opacidade na criação de atmosferas únicas e sensíveis.

Desde 2001, Koch fotografa interiores de caixas e embalagens vazias, que sugerem extensões virtuais dos locais onde as obras são instaladas. Esse conjunto de imagens opera fundamentalmente a partir de jogos de escala, em que o pequeno se torna imenso e habitável, indagando, assim, sobre as condições capazes de transformar o espaço em lugar e se aproximando, cada vez mais, de uma pesquisa pouco ortodoxa no campo da arquitetura.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Double Trouble*, Palais d'Iéna, Paris, França (2022)
- *PROPAGANDA*, Instituto Inhotim de Arte Contemporânea, Brumadinho, Brasil (2021)
- *Casa de vento*, Casa de Vidro, São Paulo, Brasil (2019) *Uma boa ordem*, Casa Wabi, Puerto Escondido, México (2019)
- *A longa noite*, Sesc Pompéia, São Paulo, Brasil (2018)
- *La temperatura del aire*, Fundación Caja de Burgos, Burgos, Espanha (2015)

-
- *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones*, Flora ars + natura, Bogota, Colombia (2014)
 - *Cromoteísmo*, Capela do Morumbi, São Paulo, Brazil (2012)
 - *Correções de luz*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brazil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- 1ª Bienal de Rabat, Marrocos (2019)
- Open Spaces Kansas City Arts Experience, Kansas, EUA (2018)
- 2th Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA) – *Learning from Latin America: Art, Architecture and Visions of Modernism*, Los Angeles Municipal Art Gallery (LAMAG), Los Angeles, EUA (2017)
- *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil*, Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA (2014)
- 11ª Sharjah Biennial, Sharjah, Emirados Árabes (2013)
- 11ª Bienal de Lyon, França (2011)
- 8ª Bienal do Mercosul, Brasil (2011)
- Aichi Triennale, Nagoya, Japão (2010)
- *When Lives Become Form*, Yerba Buena Center For Arts, San Francisco, USA (2009); Contemporary Art Museum, Tokyo, Japão (2008)
- 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006)
- 8ª Bienal de Istambul, Turquia (2003)

coleções selecionadas

- J. Paul Getty Museum, Malibu, EUA
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Musée d'Art Contemporain de Lyon, Lyon, França
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

eugenio dittborn

n. 1943, Santiago do Chile, Chile

vive e trabalha em Santiago do Chile, Chile

Eugenio Dittborn é um dos pioneiros da arte postal. No início da década de 1980, ele concebeu sua primeira “Pintura Aeropostal”, expandindo o domínio da pintura por meio do conceito de arte postal, o que lhe trouxe amplo reconhecimento nacional e internacional. As ‘Pinturas Aeropostais’ consistem em trabalhos maleáveis em papel ou tecido com elementos icônicos, textuais e gráficos, por meio de uma variedade de técnicas, de costura a serigrafia fotográfica, etc. Cada pintura é dobrada e armazenada em envelopes para ser enviada por meio da rede postal internacional para diferentes partes do mundo. Os envelopes, que fazem parte das obras e devem ser exibidos ao lado delas, são informados com citações e textos escritos, bem como com os vários endereços para os quais as obras foram enviadas. Quando são exibidas em cada novo destino, as dobras funcionam como traços da viagem, tanto em nível material quanto temporal, e os envelopes como arquivos portáteis de sua circulação e significado. Dessa forma, a produção de Dittborn é tanto sobre arte quanto sobre a circulação da arte. Eugenio Dittborn também é conhecido como pioneiro da videoarte e autor de vários livros e catálogos de artista, nos quais ele investiga a fronteira entre a visualidade e a escrita.

exposições individuais selecionadas

- *Eugenio Dittborn: Pinturas Aeropostales Recientes*. Alexander and Bonin, Nova York, EUA (2018)
- *Pinturas Aeropostales*. Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2011)
- *Eugenio Dittborn*. Museo de Artes Visuales, Santiago de Chile, Chile (2011)
- *Eugenio Dittborn*. Tate Modern, Londres, Reino Unido (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Direct Message: Art, Language and Power*. Museum of Contemporary Art Chicago, Chicago, EUA (2019)
- *El Bien Comun*. Museo Nacional de Bellas Artes, Santiago de Chile, Chile (2017)
- *Recent Acquisitions*. Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA (2009)
- *Provisions for the Future*, Sharjah Biennial, Sharjah, EAU (2009)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), New York, EUA
- Los Angeles County Museum of Art (LACMA), Los Angeles, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Moderna Museet, Stockholm, Suécia
- Museo Nacional de Bellas Artes, Santiago de Chile, Chile

bruno munari

n. 1907 Milão, Itália

m. 1998, Milão, Itália

Bruno Munari descreveu a si mesmo como “artista, escritor, inventor, designer, arquiteto e ilustrador”. Iniciou sua trajetória ainda jovem, durante a segunda onda do futurismo italiano, expondo seu trabalho pela primeira vez em 1927 na Galleria Pesaro, em Milão. Nos anos seguintes, se afastou progressivamente da influência do futurismo, desenvolvendo um projeto extremamente pessoal e singular ao longo de 70 anos. Em 1930, produziu a *Macchina aerea* (Máquina aérea), da qual surgiu a série das *Macchine inutili* (Máquinas inúteis), antecipando seu interesse pela desconstrução da obra de arte tradicional. Grande parte do trabalho de Munari é caracterizada por um interesse pedagógico e uma visão radical da expansão da compreensão do mundo pelo homem por meio do desenvolvimento de novas formas de comunicação visual. Prolífico em produção ao longo de sua vida e incansavelmente inventivo, seu trabalho desafiava a categorização e inclui alguns dos primeiros experimentos no que o próprio Munari chamaria de “arte programada”, bem como arte luminosa, instalação, e trabalhos baseados em projeção e fotocópia. Em todo o seu trabalho, Munari via a tecnologia como uma força democratizante dentro da arte, citando o potencial de uma “arte para todos” e a desestabilização da ideia de um gênio artístico singular.

exposições individuais selecionadas

- *Bruno Munari: Tutto*, Fondazione Magnani Rocca, Mamiano, Itália (2024)
- *Bruno Munari: The Child Within*, Center for Italian Art, Nova York, EUA (2022)
- *Bruno Munari*, Fundación Juan March, Madrid, Espanha (2022)
- *Bruno Munari: A Mudança é a única constante no Universo*, Museu da Casa Brasileira, São Paulo, Brasil (2019)

exposições coletivas selecionadas

- *L’image et son double*, Centre Georges Pompidou, Paris, France (2024)
- *Engineer, Agitator, Constructor: The Artist Reinvented*. Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA (2020)
- *Post Zang Tumb Tuum - Art Life Politics: Italia 1918-1943*. Fondazione Prada, Milan, Italy (2018)
- *Italian Futurism 1909-1944 - Reconstructing Universe*. Guggenheim Museum, Nova York, USA (2014)

coleções selecionadas

- Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Centre George Pompidou, Paris, França
- The British Museum, Londres, Reino Unido
- The J. Paul Getty Museum, Los Angeles, EUA

tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão

m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais representantes da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto, Japão, em 1913, mudando-se para o Brasil em 1936. Sua carreira artística teve início aos 37 anos quando se tornou membro do grupo Seibi, que reunia artistas de descendência japonesa. No final da década de 1950, ao abandonar a fase inicial de estudos figurativos na pintura, mergulhou em explorações abstratas. Nessa fase, realizou a série conhecida como *Pinturas cegas* em que suprimia a visão para experimentar e desafiar as ideias fundamentais do movimento neoconcreto brasileiro, trazendo à tona em sua prática sensibilidade e intuição.

Em 1957, convidada pelo crítico Mário Pedrosa, ela realizou uma primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), que culminou, quatro anos depois, em sua participação na Bienal de São Paulo de 1961. Ohtake começou a experimentar vários métodos de impressão durante os anos de 1970 e, já no final da década de 1980, executou projetos esculturais de grande escala, assim como esculturas públicas em São Paulo e cidades vizinhas. Tendo trabalhado até o fim na vida, Tomie Ohtake faleceu em 2015, aos 101 anos de idade.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Visible Persistence*, Nara Roesler Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Open Ended: SFMoMA's Collection – 1900 to now*, SFMoMA, San Francisco, EUA (2024)
- 60ª Bienal de Veneza, *Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere*, Veneza Itália (2024)
- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940–70*, Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Surface Work*, Victoria Miro, London, United Kingdom (2018)
- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection*, Art Museum of the Americas, Washington DC, EUA (2013)

selected collections

- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- Mori Art Museum, Tokyo, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

abraham palatnik

n. 1928, Natal, Brasil

m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro Aparelho cinecromático (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismo brasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
- *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
- William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

karin lambrecht

n. 1957, Porto Alegre, Brasil

vive e trabalha em Broadstairs, Reino Unido

Toda a produção de Karin Lambrecht em pintura, desenho, gravura e escultura demonstra uma multifacetada preocupação com as relações entre arte e vida, compreendida em sentido abrangente: trata-se de vida natural, vida cultural e vida interior. Para o pesquisador Miguel Chaia, os processos técnico e intelectual de Lambrecht se inter-relacionam e se mantêm evidentes nas obras para criar uma “visualidade espalhada na superfície e direcionada para a exterioridade”. Seu trabalho é ação que funde corpo e pensamento, vida e finitude.

No início da carreira, Lambrecht repensou a tela e a forma de pintar, em alguns trabalhos ela elimina o chassi, costura tecidos, e usa retalhos chamuscados. A abstração gestual, característica da “Geração 80”, da qual fez parte, possui papel central em seus trabalhos. Sua prática expande a noção tradicional de pintura e estabelece diálogos entre Arte Povera e Joseph Beuys, entre aspectos políticos, mas também materiais. Os volumes pesam como corpos, as delimitações ou negações do espaço dialogam com a escala que seus trabalhos assumem. A partir da década de 1990, a artista inclui materiais orgânicos em suas telas, como terra e sangue, o que determinou, em alguma medida, o repertório cromático que aparece então. Além do sangue animal, são elementos recorrentes em seu trabalho as formas cruciformes e as referências ao corpo, índices de diferentes níveis de identificação do espectador com a obra.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Seasons of the Soul*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Karin Lambrecht – Entre nós uma passagem*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *Karin Lambrecht – Assim assim*, Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Nem eu, nem tu: Nós*, Espaço Cultural Santander, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Acervo em transformação: Doações recentes*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Alegria: A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *O espírito de cada época*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2015)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)
- *Violência e paixão*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil; Santander Cultural, Porto Alegre, Brasil (2002)
- 4ª Bienal de Havana, Cuba (1992)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Ludwig Forum für Internationale Kunst, Aachen, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

mira schendel

n. 1919, Zurique, Suíça

m. 1988, São Paulo, Brasil

Nascida em Zurique, Suíça, Mira Schendel mudou-se para Milão, Itália, na década de 1930, onde começou a estudar arte e filosofia, que abandonou devido à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Mudou-se para Roma em 1946 e, em 1949, obteve permissão para se mudar para o Brasil.

Estabeleceu-se em Porto Alegre, onde trabalhou com design gráfico, pintura, escultura em cerâmica, poemas e restauração de imagens barrocas, assinando com seu nome de casada Mirra Hargesheimer. Sua participação na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, permitiu-lhe o contato com experiências internacionais e a inserção no cenário nacional.

Dois anos depois, mudou-se para São Paulo e adotou o sobrenome Schendel. Na década de 1960, criou trabalhos em papel de arroz. Em 1968, começou a produzir trabalhos em acrílico. Entre 1970 e 1971, produziu um conjunto de 150 cadernos, divididos em várias séries. Na década de 1980, produziu tempera branca e preta, os *Sarrafos* e inicia uma série de pinturas com pó de tijolo. A produção artística de Mira Schendel, marcada pela constante experimentação, consiste em múltiplas séries de obras, bastante diversas em termos de formato e dimensões, da mídia escolhida e da técnica, mas que são consistentes entre si em termos das questões que levantam.

exposições individuais selecionadas

- *Mira Schendel*, Tate Modern, London, Reino Unido (2013)
- *Mira Schendel Pintora*, Instituto Moreira Salles, São Paulo, Brasil (2011)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museu de Arte Moderna (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, London, Reino Unido
- The Museum of Fine Arts, Houston, EUA

cristina canale

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada “Geração 80”, sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme praticado por artistas como Gerhard Richter e Robert Ryman, uma vez que aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Memento Vivere*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *The Encounter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Cabeças/falantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
- *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Espelho e memória – Spiegel und Erinnerung*, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
- *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2010)

exposições coletivas selecionadas

- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, New York, USA (2023)
- *Ateliê de gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *MACS Fora de casa – Poéticas do feminino*, Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Land der Zukunft*, Lichthof – Auswärtiges Amt, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum No Hero, Delden, Países Baixos
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Hall Art Foundation, Reading, EUA
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

carlos bunga

n. 1975, Porto, Portugal

vive e trabalha em Barcelona, Espanha

Carlos Bunga cria obras de componente processual em vários formatos: esculturas, pinturas, desenhos, performances, vídeo e sobretudo instalações *in situ*, que se relacionam e intervêm no espaço arquitetônico em que se inserem.

Embora utilize frequentemente materiais comuns e desprezíveis, como papelão e fita adesiva, seu trabalho envolve um grau altamente desenvolvido de cuidado estético e delicadeza, bem como uma complexidade conceitual derivada da inter-relação entre o fazer, o desfazer e o refazer, entre o micro e o macro e entre a investigação e a conclusão. Situando-se na fronteira entre a escultura e a pintura, suas obras, enganadoramente delicadas e frágeis, caracterizam-se por um intenso estudo da combinação da cor e da materialidade, ao mesmo tempo que enfatizam o aspecto performático do ato criativo.

As obras sobre papel de Bunga, intimamente relacionadas com as suas esculturas e instalações, envolvem frequentemente sobreposições, quer de elementos compositivos nas pinturas, quer de folhas de papel translúcidas nos desenhos. O resultado analítico/descritivo, como uma dupla exposição fotográfica, mimetiza a dupla experiência da memória e da imaginação subjacente à escultura.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Habitar Juntos*, Nara Roesler São Paulo, São Paulo, Brasil (2024)
- *Carlos Bunga: Performing Nature*, Centre d'Art Bomba Gens, Valencia, Espanha (2024)
- *Reassembling Spilt Light: An Immersive Installation*. Sarasota Art Museum, Sarasota, EUA (2023)
- *Against the extravagance of desire*, Palácio de Cristal, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Espanha (2022)
- *Something Necessary and Useful*, Whitechapel, Londres, Reino Unido (2020)
- *Carlos Bunga, Architecture of Life*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2020)
- *Capella, La Capella dels Àngels*, Museu d'Art Contemporani de Barcelona (MACBA), Barcelona, Espanha (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Coreografias do impossível*. 35ª Bienal de São Paulo, Brasil (2023)
- *Meia Noite*, Bienal de Coimbra, Coimbra, Portugal (2021)
- *Gigantisme*, Pôle d'Art Contemporain de Dunkerque, Dunkerque, França (2019)
- *Quote/Unquote*. Entre apropriação e diálogo, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2017)
- *The State of the Art of Architecture*, Bienal de Arquitetura de Chicago, Chicago, EUA (2015)

coleções selecionadas

- Fundação Serralves, Porto, Portugal
- Hammer Museum, Los Angeles, EUA
- Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Museu d'Art Contemporani de Barcelona (MACBA), Barcelona, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Detroit, EUA
- Coleção Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Pérez Art Museum, Miami, EUA
- The Museum of Modern Art MoMA, Nova York, EUA

eugenio dittborn

n. 1943, Santiago do Chile, Chile

mora e trabalha em Santiago do Chile, Chile

Eugenio Dittborn é um dos pioneiros da arte postal. No início da década de 1980, ele concebeu sua primeira “Pintura Aeropostal”, expandindo o domínio da pintura por meio do conceito de arte postal, o que lhe trouxe amplo reconhecimento nacional e internacional. As ‘Pinturas Aeropostais’ consistem em trabalhos maleáveis em papel ou tecido com elementos icônicos, textuais e gráficos, por meio de uma variedade de técnicas, de costura a serigrafia fotográfica, etc. Cada pintura é dobrada e armazenada em envelopes para ser enviada por meio da rede postal internacional para diferentes partes do mundo. Os envelopes, que fazem parte das obras e devem ser exibidos ao lado delas, são informados com citações e textos escritos, bem como com os vários endereços para os quais as obras foram enviadas. Quando são exibidas em cada novo destino, as dobras funcionam como traços da viagem, tanto em nível material quanto temporal, e os envelopes como arquivos portáteis de sua circulação e significado. Dessa forma, a produção de Dittborn é tanto sobre arte quanto sobre a circulação da arte. Eugenio Dittborn também é conhecido como pioneiro da videoarte e autor de vários livros e catálogos de artista, nos quais ele investiga a fronteira entre a visualidade e a escrita.

exposições individuais selecionadas

- *Eugenio Dittborn: Pinturas Aeropostales Recientes*. Alexander and Bonin, Nova York, EUA (2018)
- *Pinturas Aeropostales*. Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2011)
- *Eugenio Dittborn*. Museo de Artes Visuales, Santiago de Chile, Chile (2011)
- *Eugenio Dittborn*. Tate Modern, Londres, Reino Unido (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Direct Message: Art, Language and Power*. Museum of Contemporary Art Chicago, Chicago, EUA (2019)
- *El Bien Comun*. Museo Nacional de Bellas Artes, Santiago de Chile, Chile (2017)
- *Recent Acquisitions*. Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA (2009)
- *Provisions for the Future*, Sharjah Biennial, Sharjah, EAU (2009)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), New York, EUA
- Los Angeles County Museum of Art (LACMA), Los Angeles, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Moderna Museet, Stockholm, Suécia
- Museo Nacional de Bellas Artes, Santiago de Chile, Chile

antonio dias

n. 1944, Campina Grande, Brasil

m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e assemblages típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se autoexilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano ‘Arte Povera’, entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzeiros, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Antonio Dias: Derrotas e vitórias*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *This Must Be the Place: Latin American Artists in New York, 1965–1975*, Americas Society, Nova York, EUA (2021)
- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
- *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
- 34ª e 33ª Bienal de São Paulo, Brasil (2018)
- *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

coleções selecionadas

- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

bruno dunley

n. 1984, Petrópolis, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

No universo pictórico de Bruno Dunley, promessas são constantemente feitas e quebradas, distendendo os limites da visualidade. Seu trabalho explora a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística. Dunley é um dos expoentes da nova e proeminente geração de pintores brasileiros e um dos fundadores do Grupo 2000e8. O coletivo de jovens artistas foi criado em São Paulo devido a um interesse compartilhado pela pintura e pela vontade de desenvolver um pensamento crítico sobre a técnica na contemporaneidade.

O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Frequentemente, uma única cor predomina na superfície, o que gera uma postura meditativa diante do trabalho. Contudo, há a busca crescente por configurações mais agressivas, expressivas e contrastadas, por cores vibrantes. Em sua prática, a temática é sempre dúplice: o artista pinta influenciado pelo encontro com imagens cotidianas, assim como pelo estudo aprofundado do campo pictórico. Ambas convergem, porém, no uso pronunciado dos códigos dessa linguagem. Gestos, planos e cores fazem a representação emergir mais como um alfabeto, um território comum, em que o processo de feitura sempre está presente.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Clouds*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Virá*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *The Mirror*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2018)
- *Dilúvio*, SIM Galeria, Curitiba, Brasil (2018)
- *Ruído*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- e Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2013)
- *11bis Project Space*, Paris, França (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *The rains are changing fast*, The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA (2024)
- *Aberto 02*, Casa Vilanova Artigas, São Paulo, Brasil
- *Mapa da estrada: novas obras no Acervo da Pinacoteca de São Paulo*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque (CCP), São Paulo, Brasil (2020)
- *Triangular: Arte deste século*, Casa Niemeyer, Brasília, Brasil (2019)
- *Al-5 50 ANOS – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *139 X NOTHING BUT GOOD*, Park – platform for visual arts, Tilburg, Países Baixos (2018)
- *Visões da arte no acervo do MAC USP 1900–2000*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Deserto-modelo*, 713 Arte Contemporâneo, Buenos Aires, Argentina (2010)

coleções selecionadas

- The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

chris martin

n. 1954, Washington DC, EUA

vive e trabalha em Nova York, EUA

Ao longo de uma carreira de quarenta anos, Chris Martin (nascido em 1954, Washington D.C.) é conhecido por suas pinturas vibrantes e dinâmicas que alternam entre investigações formais meditativas e abstração pictóricas ousadas. Sem medo de se debruçar em diversas influências culturais, das tradições místicas orientais às pinturas europeias do pós-guerra, Martin rejeita os princípios estéticos convencionais em favor da captura da essência do presente com alegria e imediatismo. Embora tenha suas raízes nas tradições do Expressionismo Abstrato e da pintura *Color Field*, o uso radical de Martin de materiais não tradicionais, como glitter e colagens de resíduos encontrados no estúdio, infunde suas obras com texturas viscerais e fisicalidade dinâmica. Martin é uma figura reverenciada e influente na comunidade artística do Brooklyn, Nova York, onde vive desde a década de 1980.

exposições individuais selecionadas

- *Chris Martin: After the Rain*. Timothy Taylor London, Londres, Reino Unido (2022)
- *The Eighties*. David Kordansky Gallery, Los Angeles, EUA (2019)
- *Staring at the Sun*. Kunsthalle, Dusseldorf, Alemanha (2011)
- *Aberrant Abstraction*. Nerman Museum, Kansas City, EUA (2010)

exposições coletivas selecionadas

- *That's 70s Show*. Eric Firestone Gallery, Nova York, EUA (2024)
- *Summer of Possibilities*. Bode Projects, Berlim, Alemanha (2022)
- *Artists I Steal From*. Galerie Thaddaeus Ropac, Londres, Reino Unido (2019)
- *Unlimited*. ArtBasel, Basel, Suíça (2016)

coleções selecionadas

- Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
- Museum of Contemporary Art Chicago, Chicago, EUA
- High Museum of Art, Atlanta, EUA
- Museum Boijmans Van Beuningen, Rotterdam, Holanda

nara roesler

são paulo

avenida europa 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art